

O que é religião pura? Uma reflexão em Tiago 1,26-27

What is pure religion? A reflection on James 1,26-27

¿Qué es la religión pura? Una reflexión en Santiago 1,26-27

[Artículo de reflexión]

Waldecir Gonzaga¹

Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro-Brasil

waldecir@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

Rosendo Javier Bustamante²

Faculdades EST

rosendo.rjb@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-9140-3871>

Recepción: 03 de octubre de 2024

Aprobación: 30 de noviembre de 2024

Citar como:

Gonzaga, W., & Bustamante, R. J. (2024). ¿Qué es la religión pura? Una reflexión en Santiago 1,26-27. *Revista Albertus Magnus*, 15(2), 40-62.

<https://doi.org/10.15332/25005413.10529>



Resumo

Este estudo explora o conceito de “religião pura e imaculada” em Tg 1,26-27, uma passagem central da epístola que destaca a relevância de uma fé prática, evidenciada em ações concretas. Trata-se de um dos sete textos chamados de cartas católicas, universais, gerais ou não paulinas, por serem dos apóstolos do grupo do doze (Tiago, Pedro, João e Judas); são textos pequenos fisicamente, mas com conteúdo gigante em termos de colaboração para a fé cristã. A pesquisa parte de uma análise textual e crítica detalhada, visando compreender os aspectos essenciais da definição de religião apresentada por Tiago. Dois componentes fundamentais são investigados: o cuidado com os órfãos e as viúvas, representando o compromisso com os mais vulneráveis da sociedade, e o ato de guardar-se da corrupção do mundo, que reflete a necessidade de manter uma vida moralmente íntegra. O estudo propõe uma reflexão teológica e exegética sobre esses preceitos, analisando suas implicações éticas para a vida cristã e para a prática religiosa. A partir dessa análise, são examinadas as dimensões práticas e teológicas que surgem do texto, com foco na integração entre fé e obras, conforme defendido pelo autor

¹ Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro-Brasil. e-mail: waldecir@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

² Faculdades EST São Leopoldo, RS. e-mail: rosendo.rjb@gmail.com ORCID:
<https://orcid.org/0009-0008-9140-3871>

da epístola. Além disso, o trabalho busca contextualizar as orientações de Tiago dentro da realidade das primeiras comunidades cristãs e refletir sobre sua relevância para o cristianismo contemporâneo. Para tanto, oferece-se o texto de Tg 1,26-17 na língua grega e tradução portuguesa, realiza-se a crítica textual e um análise bíblico-teológico-pastoral, procurando tirar consequências para a vida cristã nas diversas comunidades hodiernas.

Palavras-chave: epístola de Tiago, religião, órfãos, viúvas, vulneráveis, amor, próximo, cuidado, pobre, fé e obras.

Abstract

This study explores the concept of “pure and undefiled religion” in Jas 1,26-27, a central passage of the epistle that emphasizes the relevance of practical faith, evidenced through concrete actions. It is one of the seven texts referred to as catholic, universal, general, or non-Pauline letters, written by apostles from the group of twelve (James, Peter, John, and Jude). These texts may be small in size but hold immense significance in contributing to the Christian faith. The research begins with a detailed textual and critical analysis, aiming to understand the essential aspects of the definition of religion presented by James. Two fundamental components are investigated: the care for orphans and widows, representing the commitment to the most vulnerable in society, and the act of keeping oneself unstained by the world, reflecting the need for maintaining a morally upright life. The study offers a theological and exegetical reflection on these precepts, analyzing their ethical implications for Christian life and religious practice. This analysis examines the practical and theological dimensions emerging from the text, focusing on the integration of faith and works as defended by the author of the epistle. Additionally, the work seeks to contextualize James' teachings within the reality of the early Christian communities and reflects on their relevance to contemporary Christianity. For this purpose, the text of Jas 1,26-27 is presented in Greek and Portuguese translation, followed by a textual criticism and a biblical-theological-pastoral analysis, drawing conclusions for Christian life in various contemporary communities.

Keywords: epistle of James, religion, orphans, widows, vulnerable, love, neighbor, care, poor, faith and works.

Resumen

Este estudio explora el concepto de “religión pura e incontaminada” en Stgo 1,26-27, un pasaje central de la epístola que destaca la relevancia de una fe práctica, evidenciada en acciones concretas. Es uno de los siete textos conocidos como cartas católicas, universales, generales o no paulinas, escritos por los apóstoles del grupo de los doce (Santiago, Pedro, Juan y Judas). Estos textos son pequeños en tamaño, pero inmensos en cuanto a su aporte a la fe cristiana. La investigación comienza con un análisis textual y crítico detallado, con el objetivo de comprender los aspectos esenciales de la definición de religión presentada por Santiago. Se investigan dos componentes fundamentales: el cuidado de los huérfanos y las viudas, que representan el compromiso con los más vulnerables de la sociedad, y el acto de mantenerse incontaminado del mundo, que refleja la necesidad de llevar una vida moralmente íntegra. El estudio propone una reflexión teológica y exegética sobre estos preceptos, analizando sus implicaciones éticas para la vida cristiana y la práctica religiosa. A partir de este análisis, se examinan las dimensiones prácticas y teológicas que surgen del texto, con un

enfoque en la integración entre fe y obras, según lo defendido por el autor de la epístola. Además, el trabajo busca contextualizar las enseñanzas de Santiago dentro de la realidad de las primeras comunidades cristianas y reflexionar sobre su relevancia para el cristianismo contemporáneo. Para ello, se presenta el texto de Stgo 1,26-27 en griego y en traducción al portugués, seguido de una crítica textual y un análisis bíblico-teológico-pastoral, extrayendo conclusiones para la vida cristiana en diversas comunidades actuales.

Palabras claves: epístola de Santiago, religión, huérfanos, viudas, vulnerables, amor, prójimo, cuidado, pobres, fe y obras.

Introdução

A presente investigação tem como objetivo oferecer uma análise detalhada e exegética sobre o conceito de “religião pura” em Tg 1,26-27, um texto central para a compreensão das obrigações éticas e religiosas no contexto cristão. A carta de Tiago, uma das sete chamadas de “cartas católicas” (Gonzaga, 2017 e 2019), apresenta uma abordagem singular ao articular a relação entre fé e prática, especialmente no que concerne às implicações sociais e espirituais do cuidado com os marginalizados e a necessidade de uma vida moralmente íntegra.

No decorrer deste estudo, apresenta-se uma tradução literal de Tg 1,26-27, seguida por uma crítica textual que visa elucidar variações manuscritas relevantes e suas implicações para a interpretação do texto. Em seguida, a análise se concentra em dois aspectos fundamentais apontados pelo autor sagrado: o cuidado com os órfãos e as viúvas, e a necessidade de guardar-se da corrupção do mundo. Esses dois elementos não apenas delineiam as características da religião genuína segundo Tiago, mas também refletem princípios éticos profundamente enraizados na tradição bíblica e que encontram ressonância na prática cristã primitiva.

A carta de Tiago é amplamente reconhecida por sua ênfase em uma fé prática, que vai além de meras declarações verbais, sendo evidenciada em ações concretas. Dentro desse contexto, Tg 1,26-27 destaca-se por apresentar uma definição concisa e impactante do que o autor considera ser a “religião pura e imaculada” (v.27). Este artigo tem como objetivo explorar o conceito de religião pura à luz de Tg 1,26-27, analisando seus componentes essenciais e refletindo sobre suas implicações práticas para a vida cristã.

Além disso, este estudo procura destacar as implicações práticas dessa definição de religião pura para a comunidade de fé, discutindo como esses princípios podem ser aplicados na vida contemporânea, tanto em um contexto pessoal quanto coletivo. No final, é apresentada uma síntese conclusiva, que revisita os principais achados da investigação, reafirmando a relevância teológica e ética do texto de Tiago para a reflexão cristã atual.

1. Segmentação e tradução de Tg 1,26-27

A perícope de Tg 1,26-27 aborda o conceito de verdadeira religião, contrastando práticas exteriores com a pureza interna do coração e ações que refletem amor e compaixão. O tema central gira em torno da autopercepção da religiosidade e de como as ações concretas, especialmente em relação aos necessitados, são fundamentais para a definição de uma fé autêntica. Seu vocabulário é rico em termos que enfatizam a integridade da fé: “*θηρῆσκός/religioso*”, “*χαλιναγωγῶν/refrear*”, “*μάταιος/vã*”, “*καθαράν/pura*” e “*ἀμίαντος/imaculada*”. Tiago começa a perícope abordando a aparência de religiosidade, afirmando que o controle da língua é essencial para evitar a autodecepção. Em seguida, ele apresenta a verdadeira religião como aquela que se manifesta através da visitação a órfãos e viúvas em suas aflições, além da manutenção de uma vida livre das contaminações do mundo. A passagem convida os leitores a refletirem sobre a autenticidade da sua fé e a importância de ações que realmente demonstrem amor e cuidado pelo próximo, como expressão genuína da religiosidade diante de Deus.

A perícope em foco, Tg 1,26-27:

Texto Grego		Tradução
Εἴ τις δοκεῖ θηρῆσκός εἶναι	26a	Se alguém pensa ser religioso
μὴ χαλιναγωγῶν γλῶσσαν αὐτοῦ	26b	(e) não refreia a sua língua
ἀλλ’ ἀπατῶν καρδίαν αὐτοῦ	26c	mas engana seu coração
τούτου μάταιος ἡ θρησκεία	26d	deste, vã (é) a religião
θηρῆσκείαν καθαρὰν καὶ ἀμίαντος	27a	(A) religião pura e imaculada
παρὰ τῷ Θεῷ καὶ πατρὶ αὕτη ἐστίν	27b	para com Deus e Pai é esta:
ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας θλίψειθλίψει	27c	visitar órfãos e viúvas
ἐν τῇ θλίψει αὐτῶν	27d	em suas tribulações,
ἄσπιλον ἑαυτὸν τηρεῖν ἀπὸ τοῦ κόσμου	27e	guardar-se limpo do mundo.

Fonte: Texto de NA28, tabela e tradução dos autores

2. Crítica textual de Tg 1,26-27

No v.26, encontra-se o termo *θηρῆσκός*, adjetivo grego que significa “religioso” ou “observador das práticas de culto”, este, por sua vez, segundo Yarza (1998), quando aparece como *θηρῆσασθαι*, que é o aoristo no infinitivo médio do verbo *θράω*, indica uma ação pontual no passado relacionada ao respeito e à adoração de uma divindade. No contexto religioso grego, *θηρῆσκεία* (substantivo feminino) refere-se ao respeito e à adoração a uma divindade, sendo associada também às cerimônias religiosas e *θηρῆσκός* ao religioso em si, como já indicado, que Haubeck e Von Siebenthal (2009) o definem como “aquele que serve a Deus; temente a Deus; piedoso”. Derivados desse termo incluem:

θηρῆσκευμα (neutro) – prática religiosa, referindo-se ao conjunto de observâncias ou rituais religiosos. *θηρῆσκευτής* (masculino) – o observador das práticas religiosas, sendo utilizado em algumas tradições para se referir a um monge ou alguém dedicado ao

cumprimento estrito dos ritos religiosos. θρησκεύω (verbo) – praticar ou observar os rituais religiosos, com a ideia de prestar honras divinas.

Adjetivos como θρήσκευσιμος (pertencente ou relativo ao culto) e θρήσκος (religioso, aquele que observa as práticas de um culto) reforçam a relação entre o indivíduo e a prática formal da adoração.

Assim, a raiz do termo θρησκεία e seus derivados apontam para a conexão entre a observância externa dos ritos e a devoção interior na prática religiosa, uma distinção significativa tanto no contexto greco-romano quanto nas reflexões teológicas posteriores sobre a verdadeira religião, como abordado no Novo Testamento.

Haubeck e Von Siebenthal (2009) alegam que o verbo εἶναι, na forma infinitiva do verbo εἰμί, indica o estado de ser. Já o particípio χαλιναγωγών (de χαλιναγωγέω) refere-se ao ato de conduzir com rédeas, simbolizando o controle, especialmente no que diz respeito à língua. A construção concessiva ou modal, expressa em μή χαλιναγωγών γλῶσσαν αὐτοῦ, sugere que, mesmo se alguém se considerar religioso, se não controlar a própria língua, a religiosidade será questionável.

O particípio ἀπατῶν (de ἀπατάω) significa enganar ou defraudar, enfatizando a ideia de autoengano. O adjetivo μάταιος, tratado aqui como de dupla terminação, denota algo sem valor, vazio ou nulo. A palavra θρησκεία remete à adoração a Deus ou à prática do culto, apontando para a forma externa de devoção.

O v.27 apresenta um uso singular de θρησκεία, como analisado no v.26, que é frequentemente traduzido como “religião” ou “culto”, mas, no contexto do versículo, está diretamente relacionado à prática ética e à pureza moral. Este versículo indica que a verdadeira religião diante de Deus, o Pai, consiste em cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e em manter-se puro diante do mundo. A escolha vocabular de Tiago neste versículo, especialmente com os termos θρησκεία e καθαρός, merece uma análise detalhada, tanto do ponto de vista exegético quanto do textual.

Segundo Haubeck e Von Siebenthal (2009), o uso do termo θρησκεία (θρησκεία, ας, ή) em Tg 1,27, em contraste com outras ocorrências no Novo Testamento, como em Cl 2,18, em que é associado à adoração de anjos (ἐν τοῖς ἀγγέλοις), destaca uma dimensão ética em vez de ritualística. A expressão reflete a ideia de que a verdadeira adoração a Deus vai além dos atos rituais ou das formas externas de piedade e deve ser expressa em ações que demonstram compaixão e justiça, como o cuidado com os mais vulneráveis: “visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições” (Tg 1,27).

Essa noção de θρησκεία como devoção ética, segundo Haubeck e Von Siebenthal (2009), também pode ser encontrada em fontes gregas e judaicas, onde o termo muitas vezes está vinculado ao culto formal. Heródoto (1985), por exemplo, utiliza θρησκεία para se referir à adoração pública de divindades. Josefo (1997), por sua vez, usa o termo para descrever a religião dos judeus. No entanto, em Tiago, a ênfase é deslocada para um culto que se manifesta em atos de caridade e pureza moral.

No léxico de Bauer (2000), o termo grego θρησκεία (θρησκεία, ας, ή), em Tg 1,27, comumente traduzido como “religião” ou “culto”, oferece uma rica complexidade de significados que merece análise detalhada no contexto histórico e literário. Em Tiago, o termo é usado em um sentido que transcende os rituais externos e se concentra em uma

prática ética e relacional, refletindo a relação com Deus por meio da caridade e pureza moral.

O termo *θησκειά*, presente em várias fontes clássicas e judaicas, é associado à devoção religiosa formal e à prática de cultos dedicados a divindades específicas. Essa definição se reflete em obras como as de Heródoto (1985) e nas inscrições de Delfos (Kazhdan, 1991), fontes importantes que documentam a veneração a Apolo e sua função como oráculo na Grécia antiga. Elas incluem mensagens e predições proferidas pelo oráculo de Delfos, que era considerado o mais famoso da Antiguidade. As inscrições muitas vezes mencionam cultos, rituais e práticas religiosas associados a Apolo (Kazhdan, 1991), ressaltando sua influência na vida espiritual e social dos gregos. Essa concepção de *θησκειά* como um sistema de culto público se estende também às crenças do Egito antigo, conforme relatado por Scholfield (1958), onde o burro é apresentado em um contexto de adoração.

Moraes e Costa (2020), referem-se às tradições egípcias, como as de Busiris, que evitavam sons associados ao burro, considerando-os inapropriados para o culto a Serápis (Moraes e Costa, 2020) realizado em Abidos. O burro, simbolicamente ligado a Tifão (Moraes e Costa, 2020), uma divindade do mal, refletia a dualidade da “*θησκειά/religião*” que podia venerar ou desprezar certos animais com base em suas associações religiosas. Em Herodiano (1985), o conceito de *θησκειά* ganha nova dimensão ao se conectar à vida de Caracalla (Herodiano, 1985), que, atormentado por seus crimes, se afastou de Roma e se engajou em rituais sagrados, como o culto a Esculápio (Herodiano, 1985), buscando cura e orientação divina através de sonhos.

Herodiano (1985), ao referir-se à idolatria de Caracalla pelo deus adorado pelo povo de Alexandria (Herodiano, 1985), destaca uma utilização estratégica da *θησκειά* para legitimar seu poder. Ele promoveu um culto à imagem de Alexandre, reforçando sua autoridade imperial por meio de práticas religiosas. Constata-se também a existência do culto a Sérapis (Herodiano, 1985), possível deus tutelar do império. Essa relação entre “*θησκειά/religião*” e poder político ilustra como a religião não apenas molda a devoção individual, mas também se entrelaça com a legitimidade e a governança de figuras históricas como Caracalla (Herodiano, 1985). Assim, a *θησκειά*, enquanto sistema de culto e devoção, permeia a vida social, política e espiritual da antiguidade, revelando sua importância na construção da identidade e da autoridade.

Schürer (1991) alega, que Filon de Alexandria emprega a palavra *θησκειά* para referir-se à adoração de Deus no contexto das prescrições legais judaicas, enfatizando o aspecto do culto formal (Schürer, 1991). Da mesma forma, Josefo (1997) usa o termo ao descrever a devoção e culto ao Deus de Israel. Em At 26,5, Paulo menciona *θησκειά* ao referir-se à religião dos fariseus, evidenciando seu uso comum para designar práticas religiosas estruturadas.

Deduz-se, a partir da elucidação de Bauer (2000), que, em contraste com o uso mais formal de *θησκειά* no judaísmo e no mundo greco-romano, Tiago redefine o termo em um contexto cristão, enfatizando que a verdadeira religião se manifesta em ações éticas: “visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se da corrupção do mundo” (Tg 1,27). Tiago amplia a concepção de religião, não a limitando a um conjunto de rituais.

Essa perspectiva é corroborada em Cl 2,18, em que é condenada uma forma de adoração associada à veneração de anjos (ἐν τοῖς ἀγγέλοις). Assim, Tiago enfatiza que a verdadeira religião transcende o mero ritualismo, enfatizando uma dimensão mais profunda e espiritual da fé.

Essa abordagem cristã de θρησκεία ecoa a tradição profética do Antigo Testamento, em que o culto verdadeiro não se expressa apenas em rituais, mas em justiça social e retidão moral (Is 1,17; Mq 6,6-8). O texto de Tiago ressalta que a verdadeira devoção a Deus deve ser visível no cuidado com os vulneráveis e na busca por uma vida livre da corrupção mundana, contrastando com as práticas culturais superficiais.

3. Cuidado com os órfãos e viúvas

Tg 1,26-27 tem dois aspectos importantes: 1) o primeiro trata da relação do homem para com o seu próximo; 2) o segundo trata da relação do homem para com Deus. Neste tópico, tratamos a respeito do primeiro aspecto do texto, que ressalta o cuidado que era necessário ter nos tempos de Tiago, com os mais vulneráveis e desfavorecidos. A escolha de órfãos e viúvas não é arbitrária. Na sociedade antiga, essas figuras representavam os mais vulneráveis, desprovidos de qualquer suporte social ou econômico. Assim, ao cuidar desses grupos, o cristão está imitando o caráter de Deus, que se revela como defensor dos fracos (Dt 10,18; Sl 68,5). Este cuidado reflete um amor genuíno, que ultrapassa as palavras e se manifesta em ações concretas de compaixão e justiça.

Segundo Plumptre (1893), “os órfãos e as viúvas” são considerados representantes clássicos de extrema aflição e vulnerabilidade na sociedade. Essa condição é corroborada em textos como Jó 29,12-13, que menciona o cuidado com os necessitados, incluindo os órfãos e viúvas, e Eclo 35,14, que também enfatiza essa preocupação. A relevância desses grupos é ainda mais evidenciada em At 6,1, onde se revela que a Igreja de Jerusalém reconheceu sua necessidade especial, estabelecendo uma estrutura para atender a eles, o que pode ser visto como uma forma de “organização de caridade”. Além disso, referências em At 9,39 e 1Tm 5,3-10 reforçam a importância de cuidar dos órfãos e viúvas, refletindo um princípio ético fundamental na prática cristã que visa a assistência e o amparo dos mais vulneráveis. Portanto, a atenção a esses grupos não é apenas uma questão social, mas um imperativo espiritual que permeia a narrativa bíblica.

O cuidado com as viúvas ocupava um lugar de destaque na prática comunitária da Igreja primitiva, refletindo o compromisso dessa comunidade com os mais vulneráveis, em consonância com os valores éticos e sociais estabelecidos tanto no Antigo Testamento quanto nos ensinamentos de Jesus, que disse: “Μακάριοι οἱ ἐλεήμονες· ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται/*bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia*” (Mt 5,7). A preocupação com as viúvas é também uma aplicação prática do mandamento do amor ao próximo, tão enfatizado nas Escrituras, como no livro do Deuteronômio, em que o próprio Deus se apresenta como alguém que atende aos necessitados: “בְּיַהוָה אֱלֹהֵיכֶם הוּא אֱלֹהֵי הָאֱלֹהִים וְאֲדֹנֵי הָאֲדֹנָיִם הָאֵל הַגָּדֹל הַגִּבּוֹר וְהַנּוֹרָא אֲשֶׁר לֹא יִשָּׂא: *porque YHWH, vosso Deus, é o Deus dos deuses e Senhor dos senhores, Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas, nem admite suborno*”,

“וְשִׁמְרָהּ: /que faz justiça ao órfão e à viúva; que ama também o estrangeiro, dando-lhe pão e vestuário” (Dt 10,17-18); “אֱדִי יְתוּמִים וְדָלִים /pai de órfãos e juiz de viúva é Deus no seu santuário” (Sl 68,5), consolidando a responsabilidade comunitária de proteger os desamparados.

A eleição dos sete homens (diáconos) mencionados em At 6 foi uma resposta à crescente necessidade de uma administração justa e eficiente dos recursos destinados ao cuidado das viúvas (Aquino, 2010). Esse gesto não apenas garantiu que essas mulheres, muitas vezes desamparadas, recebessem alimento e apoio material, mas também preveniu divisões internas que poderiam surgir de um atendimento desigual entre os grupos. A escolha de homens “cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6,3) demonstra que o serviço à mesa, aparentemente simples, possuía uma importância espiritual significativa. O ato de garantir que as viúvas, independentemente de sua origem, fossem tratadas com dignidade e equidade reforça o princípio de unidade na diversidade que a Igreja buscava promover. Além disso, a solução encontrada pela comunidade cristã evidencia uma sensibilidade pastoral em reconhecer e responder prontamente às necessidades sociais, sem deixar de lado a missão espiritual, mas integrando ambas como expressões da verdadeira religião, conforme destacado em Tg 1,27.

Segundo Florencio (2014), esse cuidado com as viúvas ecoa a instrução de Jesus de servir ao próximo com compaixão e justiça, sendo uma extensão prática do amor ao próximo atestado tanto pelo Antigo Testamento quanto pelo Novo Testamento, como se pode ver a seguir: אָמַרְתָּ לְרֵעֵךְ אֶהְיֶה לָּךְ-Ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν/*amarás o próximo como a si mesmo*” (Lv 19,18; Mc 12,31). A preocupação com as viúvas e outros grupos vulneráveis na Igreja primitiva é, portanto, um testemunho da fidelidade da comunidade cristã à vocação divina de praticar a justiça, amparando aqueles que mais necessitavam de apoio, e se destacando como um exemplo de solidariedade no contexto do povo de Deus.

Bock (2007), ao discutir o início da Igreja primitiva, destaca que a missão dela, especialmente em relação à oposição e à inclusão dos gentios, está fundamentada como uma promessa das Escrituras (At 13,47; 15,16-18). Essa missão é vista como o cumprimento do chamado de Deus (At 15,11). O Evangelho, nesse contexto, atinge todos os estratos sociais: poderosos e fracos, ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e idosos (At 2,17-18), incluindo *pobres viúvas* (At 9,36-41), provincianos (At 14,15-18), mercadores (At 16,14), carcereiros (At 16,30-32), marinheiros (At 27,25), centuriões militares (At 10,34-48), procônsules (At 13,7), governadores (At 24,10), reis (At 26,2) e filósofos (At 17,18; Johnson, 1995).

A inclusão dos gentios é uma parte central do plano de Deus (Sousa, 2013), sua salvação é oferecida a todas as camadas sociais e grupos, incluindo as pobres viúvas mencionadas em At 9,36-41. No relato de Tabita (ou Dorcas), a viúva exemplifica a atenção especial dada aos mais vulneráveis na comunidade cristã primitiva. Viúvas, um dos grupos mais marginalizados na sociedade antiga, são particularmente destacadas como recipientes da graça divina. A história de Tabita, uma viúva pobre que realizava boas obras e ajudava os necessitados, ilustra o compromisso da comunidade cristã com a

assistência às viúvas, reafirmando a importância de um comportamento religioso que se manifesta em obras de justiça e cuidado pelos oprimidos.

Conectando essa ênfase à passagem de Tg 1,26-27, que afirma que a “religião pura e sem mácula” consiste em “visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições”, observa-se um alinhamento claro entre o cuidado pelas viúvas e a ética cristã de justiça social e compaixão.

Para Haubeck e Von Siebenthal (2009), em Tg 1,27, o verbo ἐπισκέπτεσθαι (ἐπισκέπτομαι) é usado para descrever o ato de “visitar” os órfãos e as viúvas. No contexto greco-romano e judaico, o termo pode significar tanto “visitar” como “cuidar”, com o propósito de prover ajuda e assistência. Aqui, o verbo é um infinitivo *epexegetico*, esclarecendo a natureza da ação religiosa correta, que se expressa no cuidado pelos mais necessitados. Esse uso de ἐπισκέπτεσθαι encontra paralelos no Antigo Testamento, onde visitar os necessitados era uma expressão concreta de justiça e fidelidade ao pacto com Deus (Dt 10,18; Sl 146,9).

Além disso, o uso de ὀρφανός (órfão) e χήρα (viúva) em Tg 1,27 destaca grupos sociais particularmente vulneráveis na sociedade antiga. O Antigo Testamento frequentemente exorta os fiéis a cuidarem dos órfãos e das viúvas, que são vistos como os mais desprotegidos (Ex 22,22; Is 1,17). Tiago faz eco a essa tradição profética, mas redefine a verdadeira religião como aquela que não apenas envolve rituais, mas se manifesta no cuidado direto pelos marginalizados.

No comentário de Benson (2018), sobre Tg 1,26-27, o autor destaca a distinção entre os verdadeiros praticantes da Palavra de Deus e aqueles cuja religiosidade é meramente superficial. Ele organiza a explicação em dois momentos: primeiramente, uma perspectiva negativa (v.26), e posteriormente uma positiva (v.27).

Na perspectiva negativa, Benson (2018) salienta que um cristão, por mais que demonstre uma conduta externa irrepreensível, se iludirá se não controlar sua fala, seja em termos de fofocas, maledicências, ou expressões de ira e malícia. A falta de domínio da língua torna a religião desse indivíduo vazia e sem valor, uma mera aparência que não reflete a essência da verdadeira fé. Já no aspecto positivo, Benson aprofunda a ideia de que a verdadeira religião é caracterizada por uma pureza que transcende a prática de rituais ou a adesão a formas externas de adoração. Usa-se a metáfora de uma pedra preciosa para ilustrar que a verdadeira religião é clara e imaculada, sem ser corrompida por superstições, falsidades ou motivações impuras. O foco aqui é a autenticidade e a sinceridade da fé.

Benson (2018) esclarece que a religião genuína não se resume a meras especulações teológicas ou rituais externos, por mais corretos que sejam. Ao contrário, ela se fundamenta no arrependimento, na fé em Cristo e na transformação interior realizada pelo Espírito Santo. Essa transformação se manifesta no amor a Deus e ao próximo, que por sua vez se expressa em ações concretas de justiça e misericórdia. A visita aos órfãos e viúvas, mencionada por Tiago, é um exemplo central de como a verdadeira religião se traduz em compaixão e cuidado com os mais vulneráveis. Além disso, a pureza que Tiago enfatiza inclui a preservação de si mesmo das influências e valores corruptos do mundo.

Benson (2018) também aborda uma temática correlata, ao referir-se às festas ágapes, no em comentário sobre Jd 12, ressaltando a relevância que os apóstolos atribuíam aos mais vulneráveis. O apóstolo Judas critica os falsos mestres, referindo-se a eles como “manchas” nas festas de caridade, conhecidas como ágapes. Essas refeições, práticas comuns entre os primeiros cristãos, tinham como objetivo expressar concretamente o amor fraternal. Os mais ricos traziam alimentos para partilhar com os necessitados, especialmente viúvas, órfãos e estrangeiros. Dessa forma, as ágapes desempenhavam uma função social significativa, atendendo aos mais vulneráveis e refletindo o verdadeiro espírito de cuidado e solidariedade comunitária, que era uma expressão da fé cristã genuína. Contudo, os falsos mestres participavam dessas celebrações de maneira hipócrita, entregando-se à glotonaria e ao excesso, sem temor de Deus ou preocupação com os menos favorecidos. Ao corromperem o propósito dessas refeições, eles desvirtuavam o ato de união comunitária e o apoio aos desamparados.

Judas os descreve como “nuvens sem água”, que prometem algo valioso, mas não cumprem, e como “árvores sem frutos”, salientando que, apesar das expectativas de que ensinassem algo produtivo e edificante, nada ofereciam de real valor. Dessa maneira, o apóstolo destaca que esses mestres não só fracassavam em fornecer orientação espiritual, mas também ignoravam o cuidado com os órfãos e viúvas, que eram objetos centrais da caridade cristã. Além disso, Judas os chama de “duas vezes mortos”, sublinhando a gravidade de sua apostasia: antes, espiritualmente mortos sob o antigo pacto, e, mesmo após conhecerem o Evangelho, permaneciam estéreis em sua fé e conduta, como árvores arrancadas pelas raízes, sem esperança de restauração. Isso sugere que a verdadeira religião, como descrita por Tg 1,26-27, deveria manifestar-se em ações concretas de cuidado para com os necessitados, não em meras aparências de piedade.

Portanto, conforme os comentários Benson (2018), a verdadeira religião diante de Deus une o amor ativo ao próximo com uma vida de santidade e devoção. Ela reflete uma fé viva e operante, que rejeita tanto a formalidade superficial quanto a hipocrisia, demonstrando-se em atos genuínos de compaixão, especialmente no cuidado com os órfãos e viúvas, que são tradicionalmente os mais vulneráveis na sociedade (Gonzaga e Gama, 2023).

Bailey (2008) analisa um elemento importante de inclusão e exclusão no atendimento dos necessitados, a partir do relato contido na perícopa de Lc 4,25-27, tema este que ressoa com Tg 1,26-27. O Evangelho de Lucas, ao destacar que apenas a viúva de Sarepta e o sírio Naamã foram ajudados, mostra como a compaixão divina transcende fronteiras étnicas e religiosas, atingindo aqueles que estão marginalizados, como viúvas e estrangeiros.

Da mesma forma, em Tg 1,26-27, a verdadeira religiosidade é descrita como aquela que cuida dos órfãos e das viúvas, ou seja, os vulneráveis da sociedade. A ênfase de Tiago sobre a “religião pura e imaculada” está intimamente ligada a um comportamento ético e compassivo, que prioriza aqueles que não têm recursos para se defender. Tal como Jesus cita a viúva e Naamã como exemplos de compaixão divina, Tiago exige que os cristãos demonstrem sua fé genuína através do cuidado dos mais necessitados, enfatizando a ligação inseparável entre a verdadeira adoração e a justiça social.

Esse paralelo entre Lucas e Tiago sugere que a verdadeira adoração, conforme refletido em “*θρησκεία/religião*”, não está apenas em rituais ou cerimônias, mas na prática concreta de ajuda aos marginalizados e necessitados, conforme exemplificado tanto nas histórias do Antigo Testamento quanto nas exortações de Tiago.

Por conseguinte, o cuidado com os órfãos e viúvas, conforme descrito em Tg 1,26-27, reflete um dos pilares da ética cristã, abordando tanto a relação do ser humano com seu próximo quanto a relação com Deus. Este trecho, a partir dos autores acima analisados, evidencia a importância de cuidar dos mais vulneráveis, destacando que a verdadeira religião não se limita a rituais, mas se expressa em ações concretas de compaixão e justiça.

Na sociedade antiga, os órfãos e as viúvas eram, muitas vezes, as figuras mais desprotegidas, carentes de suporte social e econômico, e a vontade de Deus expressa pelos profetas era proteger a essa classe mais desfavorecida (Carneiro, 2016). Ao dirigir a atenção a esses grupos, Tiago convoca os cristãos a emular o caráter de Deus, que é descrito nas Escrituras como defensor dos fracos (Dt 10,18; Sl 68,5). Essa imitação se traduz em um amor autêntico, que se concretiza em atos que promovem dignidade e equidade.

A prática de cuidar das viúvas ocupava um espaço significativo na vida da Igreja primitiva, demonstrando um compromisso com a justiça social que ressoava tanto com os valores do Antigo Testamento quanto com os ensinamentos de Jesus, que proclamou a bem-aventurança dos misericordiosos (Mt 5,7). Em At 6, a escolha de sete homens “cheios do Espírito e de sabedoria” para administrar os recursos destinados a essas mulheres ilustra uma sensibilidade pastoral e a busca pela unidade e inclusão dentro da comunidade, reafirmando que a missão da Igreja envolve tanto o atendimento das necessidades materiais quanto a espiritualidade.

Portanto, o apelo de Tiago para que a “religião pura e sem mácula” se manifeste no cuidado com os órfãos e viúvas destaca um princípio fundamental da fé cristã: a integridade da adoração está intrinsecamente ligada à justiça social. Este chamado à ação revela que a religiosidade não é um mero formalismo, mas um compromisso genuíno de solidariedade com os mais necessitados, refletindo a essência do amor divino que deve permear todas as relações humanas. A prática do cuidado pelos vulneráveis não apenas atende a uma necessidade social, mas também reforça a identidade da comunidade cristã como um reflexo do reino de Deus na Terra.

4. Guardar-se da corrupção que há mundo

O segundo aspecto envolve a pureza pessoal. O termo “*ἀσπίλος/corrupção*” sugere a ideia de mancha ou contaminação. No contexto bíblico, o mundo frequentemente simboliza sistemas e valores opostos ao reino de Deus. Guardar-se da “*ἀσπίλος/corrupção*” do mundo implica viver em conformidade com os valores do Reino, resistindo às pressões culturais e éticas que desvirtuam a vida cristã.

O adjetivo “imaculado” é selecionado com uma referência particular a um estado de pureza. O termo “mundo” abrange todas as circunstâncias que podem induzir ao

pecado, referindo-se especialmente à massa de humanidade não renovada da qual os cristãos são chamados a se distanciar, mas da qual ainda podem se deixar levar. A verdadeira aviltção a ser evitada se encontra no contato espiritual com esse “mundo”, e não, como acreditavam os fariseus, no ato de tocar vestimentas e/ou outros objetos considerados cerimonialmente impuros.

Além disso, Coleridge (1872) observa que o serviço externo (*θηρησκεία*) da religião antiga, com seus ritos, cerimônias e vestimentas, tinha a moralidade como substância. Esses elementos representavam a letra, enquanto a moralidade era o espírito; eram um enigma cuja interpretação verdadeira era a moralidade. Por fim, a moralidade se configura como o verdadeiro serviço e o cerimonial da religião cristã.

Em seu comentário sobre a Epístola de Tiago, especificamente nos vv.26-27, Lange (1867) explora a diferença entre o serviço religioso verdadeiro e falso, bem como o zelo pela religião e pela glória de Deus. O termo grego *δοκεῖν*, no v.26, descreve aqueles que “pensam de si mesmos” de forma equivocada, presumindo serem religiosos. Essa palavra sugere uma suposição superficial e sem fundamento sólido, podendo indicar uma presunção espiritual, ou seja, alguém que acredita estar servindo a Deus de maneira adequada, mas está enganado.

Tiago utiliza o termo “*θήρησκοϋς/religioso*”, que denota um homem religioso, um adjetivo peculiar que reflete um indivíduo orgulhoso de seu suposto serviço a Deus, expresso principalmente em atos externos de adoração. Contudo, não se limita a ritos externos, mas inclui também um zelo contínuo pela glória de Deus, como exemplificado pelos judeus, que se consideravam servos de Deus (Rm 2,17), ou pelos cruzados e muçulmanos em tempos posteriores. Segundo Lange (1867), essa concepção ainda encontra eco entre os jesuítas.

No v.27, Tiago menciona a “religião pura e imaculada”, que se manifesta em atos de compaixão, como cuidar dos órfãos e viúvas em suas tribulações. O verbo *επισκέπτεσθαι*, traduzido como “visitar”, implica mais do que uma simples visita; possui um sentido mais amplo de “cuidar” ou “proteger” (At 15,14; Hb 2,6). Lange (1867) destaca que esse serviço reflete a paternidade de Deus, protetor dos órfãos e defensor das viúvas (Sl 68,6).

Além disso, ele discute a necessidade de o cristão manter-se “sem mácula do mundo”. Assim como o judeu observante das leis de pureza evitava impurezas naturais ou pagãs, o cristão precisa purificar-se do mundanismo. Lange (1867) também critica aqueles que, sem “refrear a língua”, demonstram um zelo religioso apenas verbal, sem ações correspondentes, considerando essa forma de religiosidade vã, pois não gera frutos.

Em seu comentário, Lange (1867) sublinha que a verdadeira religião transcende práticas exteriores, exigindo uma vida de serviço genuíno a Deus, refletido no cuidado aos necessitados e na pureza diante do mundo. Esse trecho explora as dimensões éticas de pureza e santidade em Tg 1,27, destacando a dupla responsabilidade de manter-se “imaculado do mundo” e de cuidar dos órfãos e viúvas. A pureza referida por Tiago vai além do afastamento físico do pecado, implicando uma vigilância moral contínua, tanto na conduta pessoal quanto no relacionamento com o próximo.

Essa dualidade ética evidencia uma religiosidade prática e genuína, manifestada em ações concretas em prol dos mais vulneráveis e na vigilância contra as influências corruptoras do mundo. Assim, a visão de Tiago sobre o “serviço religioso puro e imaculado” se configura não apenas como uma definição de religiosidade, mas como uma exortação a uma vida moral íntegra, que une devoção a Deus, cuidado com o próximo e pureza pessoal.

Lange (1867) também reflete sobre a prática da lei de Deus e o prazer espiritual advindo dessa obediência, destacando que o cumprimento dos mandamentos proporciona uma antecipação da bem-aventurança eterna. Lange (1867), ressalta que o crente, ao progredir na santidade, experimenta uma crescente sensação de felicidade, já disponível nesta vida. Lutero reforça que a verdadeira bem-aventurança está no homem cuja boca reflete o coração sincero, e não apenas retórica vazia.

Outro ponto relevante é a relação entre a ira e a justiça. A ira carnal é incompatível com a vida cristã, e a purificação constante, mesmo entre os crentes, é necessária para alcançar a verdadeira justiça (Hb 12,1). A prática do cristianismo, segundo Lange (1867), envolve o uso contínuo dos meios da graça, como a pregação do Evangelho, que age como uma irrigação constante da semente da regeneração.

Por fim, Lange (1867) destaca a importância de ouvir rapidamente, falar com cautela e controlar a ira (Tg 1,19-27). O controle da língua e das emoções, afirma, é marca de maturidade espiritual. A verdadeira religião, conforme Tiago, não se limita à audição da Palavra, mas envolve uma prática ativa, refletida no cuidado aos necessitados e na pureza moral. Em suma, enfatiza-se uma religiosidade prática, harmonizando fé e obras, e guiada pela Palavra de Deus.

Haubeck e Von Siebenthal (2009) afirmam que, a palavra ἀσπίλος (ἄσπιλος, ον), que significa “imaculado” ou “irrepreensível”, é usada em Tg 1,27 para descrever o estado moral de quem se mantém separado das corrupções do mundo. Esse termo sugere uma pureza que vai além da mera observância de regras externas, apontando para uma integridade de caráter e um compromisso ético de evitar a mancha do pecado. O verbo τηρεῖν (τηρέω), usado aqui no infinitivo para descrever o ato de “manter-se” puro, implica vigilância contínua e perseverança na integridade moral.

Segundo Haubeck e Von Siebenthal (2009), o adjetivo καθάρως (καθαρός, ἅ, ὅν), traduzido como “puro”, aparece frequentemente no Novo Testamento com o sentido de pureza moral e ritual. Em Tg 1,27, é acompanhado de ἁμιαντος (ἄμιαντος, ον), que significa “imaculado”, e remete à ideia de uma pureza intocada, livre de contaminação tanto no sentido moral quanto ritual. A pureza exigida aqui não se refere apenas à ausência de mancha física, mas implica também um comportamento ético irrepreensível, conforme o juízo divino. Esta associação com a ideia de integridade moral é comum no uso desses termos no contexto judaico e cristão primitivo.

Na opinião de Plumtre (1893), o adjetivo “imaculado” é selecionado com uma referência particular a um estado de pureza. O termo “mundo” abrange todas as circunstâncias que podem induzir ao pecado, referindo-se especialmente à massa de humanidade não renovada da qual os cristãos são chamados a se distanciar, mas da qual ainda podem se deixar levar. A verdadeira aviltação a ser evitada se encontra no contato

espiritual com esse “mundo”, e não, como acreditavam os fariseus, no ato de tocar objetos considerados cerimonialmente impuros.

Em seu comentário a respeito da religião pura, mencionada em Tg 1,27, Maclaren (2010) alega que este texto é frequentemente citado e utilizado, mas muitas vezes mal compreendido. A palavra “religião” adquiriu outro significado ao longo do tempo. Atualmente, ao referir-se à religião, fala-se de um conjunto de crenças, princípios e cerimônias que formam um todo objetivo. Quando se fala da religião de um indivíduo, normalmente refere-se à sua consciência de dependência, à reverência, à aspiração e ao amor, e suas conseqüências internas. No entanto, na época da escrita da carta de Tiago, “religião” referia-se mais à adoração do que ao conceito que temos hoje. Era entendido como o “culto” a um Deus, principalmente através de cerimônias, louvores orais e pedidos. É evidente que este é o significado no contexto do texto em questão (Tg 1,26-27). Se Tiago estivesse falando de religião no sentido atual, sua afirmação de que benevolência e pureza pessoal constituem religião seria tão absurda quanto afirmar que o amor de uma mãe se resume a lavar e alimentar seu filho. O sentimento é uma coisa, e a expressão desse sentimento é outra. O sentimento é religião; a expressão do mesmo, se traduz e se expressa em adoração.

Para Maclaren (2010), Tiago não fala de religião em si, mas de sua expressão, que é a adoração. Ele afirma que “a verdadeira adoração (*religião*), pura e sem mácula, consiste em visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições, e em manter-se puro do mundo”. Nos versículos anteriores, ele critica várias formas de autoengano, como pensar que alguém está bem porque escuta a lei, mas depois a esquece, ou se considerar um verdadeiro adorador sem controlar a língua. Ele apresenta o princípio geral de que a adoração se manifesta de forma mais significativa em duas ações: a beneficência e a pureza.

Observa-se primeiro, o nobre ideal de vida que é apresentado. As responsabilidades individuais se dividem em duas categorias: a beneficência, que se refere aos deveres para com os outros, e a pureza, que diz respeito aos deveres para consigo mesmo. É interessante notar que as responsabilidades em relação aos outros são mencionadas primeiro. Muitas vezes, tem-se dificuldade em equilibrar o cuidado de si mesmos e o desenvolvimento do caráter cristão com a obrigação de ajudar os outros. Tiago, no entanto, sugere que o primeiro foco deve ser o próximo, e ao cuidar dos outros, se estará, de fato, mantendo mais puro.

Torna-se necessário um cuidado específico no equilíbrio entre ação e reflexão no contexto cristão, pois, de acordo com Plumtre (1893), a expressão “visitar,” traduzida do grego, possui um significado mais profundo do que o que normalmente atribuímos em inglês ou português. Na língua grega, essa palavra sugere um ato que vai além de uma mera visita física, implicando cuidado ativo e atenção às necessidades da pessoa visitada. Em Lc 7,16, quando se diz que “Deus visitou seu povo” a visitação divina é apresentada como um momento de intervenção que traz transformação e cura, destacando a compaixão e a ação de Deus. Assim, na tradição bíblica, a visitação envolve um compromisso relacional, onde Deus se engaja com seu povo para atender suas

necessidades e proporcionar mudanças significativas, refletindo amor, cuidado e intervenção.

A observação aponta que, em alguns casos, o envolvimento em atividades cristãs pode ser tão intenso que compromete o tempo dedicado ao desenvolvimento pessoal do caráter cristão e à compreensão aprofundada dos princípios do Evangelho. Essa lacuna, por sua vez, pode impactar a eficácia das ações em benefício de terceiros. A Igreja contemporânea não apresenta uma escassez de iniciativas beneficentes, mas pode carecer de uma maior integração entre a prática e a reflexão crítica sobre os fundamentos do Evangelho, a fim de potencializar a eficiência dessas atividades.

Tiago não pretende que “visitar” viúvas e órfãos seja uma lista exaustiva de obrigações cristãs. Ele destaca essa forma de amor como um exemplo representativo de como se deve agir (Gonzaga e Gama, 2023). As obrigações cristãs para com os outros são resumidas em amor esperançoso e simpático, enquanto, em relação ao indivíduo, a orientação é “manter-se puro do mundo”. Segundo Maclaren (2010), Tiago não diz “afaste-se do mundo”, mas sim “inserir-se nele, cuidando para que a pureza não seja contaminada”. Isso implica que o contato com o mundo pode representar um risco de contaminação, mesmo enquanto se realizam boas obras.

Tiago apresenta uma visão negativa do dever cristão, afirmando que é necessário esforçar-se para manter-se limpo. Ele reconhece que é preciso fazer mais do que apenas desenvolver o que está dentro de cada um; é necessário livrar-se do que contamina. Primeiro, é preciso mortificar o que se é, antes de poder tornar-se o que se deve ser.

Ele não desconsidera a importância do caráter resultante de um modo de agir que evita o mal. Devido à presença do mal no ambiente externo e à tendência do mal interior, a regra da vida cristã deve ser “não fazer”. Para moldar a vida à imagem de Deus, é necessário evitar a contaminação.

Contudo, Tiago não ignora a necessidade da ajuda divina para manter-se limpo. Para moldar o caráter, segundo Maclaren (2010), é essencial confiar em Deus, que promete guiar os passos. Assim, não se deve pensar que a purificação ocorre apenas pela fé; a fé proporciona o poder necessário para a purificação, mas é preciso agir para livrar-se da impureza.

Ao refletir sobre a verdadeira adoração em uma vida assim, o autor não desmerece outras formas de adoração, mas enfatiza que a expressão mais elevada da adoração está em uma vida pura e beneficente. Embora se possa pensar que textos como este criticam as formas mais elaboradas de adoração, é importante lembrar que o ritualismo pode existir tanto entre os não conformistas quanto entre anglicanos protestantes. O problema não reside na forma em si, mas na confiança excessiva nela.

Muitas pessoas podem limitar sua prática religiosa ao ambiente eclesial, considerando-a apenas um ato externo. É crucial compreender que a verdadeira adoração não é meramente um ato, mas uma entrega espiritual a Deus. A adoração não deve se restringir à formalidade, mas ser acompanhada por ações justas, amor e humildade diante de Deus.

Também é necessário destacar que essa vida de adoração deve estar fundamentada na verdadeira religião. Para viver de forma beneficente e pura, é imprescindível que a

prática religiosa seja o ponto de partida. O ideal de moralidade está enraizado na religião, e a moralidade necessita da energia que a religião proporciona para manifestar-se na vida cotidiana.

A partir do comentário de Maclaren (2010), conclui-se que é importante evitar a interpretação de que a comunidade de fé ou a adoração congregacional são desnecessárias. A adoração coletiva pode funcionar como uma fonte de devoção que se manifesta na vida cotidiana. O trabalho também pode ser entendido como uma forma de adoração, desde que esteja orientado por uma referência a Deus. Para que a adoração esteja em harmonia com as ações, é fundamental que se inicie com a fé em Jesus Cristo. Sem essa base, torna-se difícil vivenciar a verdadeira adoração e cumprir os deveres tanto para com os outros quanto para consigo.

Portanto, a reflexão sobre a corrupção do mundo e a pureza pessoal, conforme abordado em Tg 1,27, revela a importância de uma vivência cristã que transcende rituais e se compromete com a integridade moral. O termo “corrupção” (ἀσπίλος) sugere não apenas a contaminação externa, mas um estado de mancha que afeta a essência do ser. Neste sentido, “mundo” refere-se a um sistema de valores que, em oposição ao Reino de Deus, exerce pressões que podem desvirtuar a vida cristã.

A pureza, aqui entendida como a busca incessante pela santidade, demanda uma vigilância constante e uma ação intencional para evitar a contaminação espiritual. Tiago enfatiza que, embora a pureza final venha de Deus, a responsabilidade humana em manter-se “imaculado do mundo” é essencial. Este chamado à ação se reflete na prática de atos de compaixão e justiça, destacando que a verdadeira religiosidade não é apenas um conjunto de práticas externas, mas um compromisso ativo em cuidar dos necessitados.

A interação com o mundo, embora inevitável, traz consigo o risco de contaminação. Tiago, portanto, não prescreve um isolamento total, mas sim uma inserção cautelosa, na qual o cristão é chamado a influenciar positivamente a sociedade sem ceder às suas corrupções. A luta contra a impureza não se limita a evitar ações externas, mas envolve um processo contínuo de purificação interna.

Em suma, guardar-se da corrupção do mundo é um chamado à ação que exige tanto a vigilância moral quanto a prática do amor, com ações concretas, a exemplo do cuidado dos órfãos e das viúvas, como indicado por Tg 1,17. A verdadeira adoração, como exposta em Tiago, não reside apenas em rituais, mas se manifesta em uma vida marcada pela integridade, compaixão, santidade e justiça. Esta via de mão dupla entre devoção a Deus e serviço ao próximo forma a base de uma vida cristã autêntica, capaz de resistir às seduções do mundo e refletir os valores do Reino.

5. Implicações práticas

A definição de religião pura em Tg 1,27 tem profundas implicações para a vida cristã contemporânea. Ela sugere que a verdadeira espiritualidade não pode ser divorciada de uma ética social ativa e de um compromisso com a justiça e a santidade pessoal. Em um mundo onde a religião muitas vezes é reduzida a ritos e dogmas, Tiago desafia os seus

leitores a reavaliar a fé, perguntando se ela realmente reflete o amor de Deus em ações tangíveis e uma vida íntegra.

Meyer (1882), ao comentar Tg 1,26-27, observa que, no v.26, Tiago, em contraste com os ouvintes que falham no teste pelas suas obras, primeiramente aborda a falsa “*θηρησκεία/religiosidade*”. Enquanto no v.27, ele expõe a verdadeira religiosidade, porém, inicia referindo-se à falsa devoção daqueles que são lentos em agir, mas rápidos em ouvir (v.19). Se alguém pensa que está servindo a Deus sem controlar sua língua, mas ao mesmo tempo engana seu próprio coração, sua adoração torna-se inútil e vazia.

Ele alega que a frase “*εἴ τις δοκεῖ/se alguém pensa*”, cujo verbo *δοκῶ* aqui denota a falsa opinião que alguém tem de algo (como em Mt 6,7; 24,44; 1Cor 3,18; de forma diferente em 1Cor 7,40); não é equivalente a “parecer”; Meyer (1882) afirma que Lutero traduz corretamente: “se alguém imagina”.

Sobre expressão “*θηρησκός εἶναι/ser religioso*”, Meyer (1882) alega que *θηρησκός*, não aparece em outro lugar no Novo Testamento nem nos clássicos (o substantivo, além de aqui e no v.27, aparece no Novo Testamento em Cl 2,18 e At 26,5), não é equivalente a *εὐσεβής*, na medida em que se refere ao culto externo, a manifestação de *εὐσέβεια*, sem, no entanto, ter em si a ideia secundária de mera exterioridade. Meyer (1882) argumenta que a tradução de “*θηρησκός εἶναι/ser religioso*” como “religioso cujos ritos são excessivamente externos” ou “supersticioso” não é adequada. Ele sugere que essa interpretação reduz o conceito a uma mera crítica da superficialidade religiosa, perdendo de vista a profundidade do termo e suas conotações originais. A expressão deve ser compreendida em seu contexto mais amplo, refletindo uma religiosidade que pode incluir tanto elementos externos quanto internos, sem se restringir a uma conotação negativa ou pejorativa.

Hunther (1887) realiza uma análise profunda sobre Tg 1,26-27, concentrando-se especialmente no termo *θηρησκεία*, que se traduz como “religião” ou “culto”. Ele contrapõe a ideia de uma “*θηρησκεία μάταιος/religião vã*” com a “*θηρησκεία καθαρὰ καὶ ἀμίαντος παρὰ τῷ Θεῷ /religião pura e imaculada diante de Deus*”. Ao tratar das palavras “*καθαρός/puro*” e “*ἀμίαντος/imaculada*”, alega que para muitos comentaristas, essas palavras são sinônimas, ou seja, ambas expressam a mesma ideia de pureza, sem adicionar novos conceitos. Ele discorda de uma interpretação adotada por alguns expositores, que distinguem entre o que é “interno” e “externo” nas duas expressões, considerando essa distinção arbitrária (Huther, 1887).

O termo “*ἀμίαντος/imaculada*”, que aparece raramente no Novo Testamento (além de Tiago, em Hb 7,26; 13,4 e 1P 1,4), é associado, segundo Huther (1887), à ideia de pureza como ausência de contaminação, referindo-se àquilo que preserva o sagrado de qualquer mancha. Isso é reforçado pela sua conexão com palavras como “*μιαίνω/manchar*” e “*μιάσμα/contaminação*”, termos que remetem ao contexto da santidade e de sua preservação contra a impureza.

Nesse contexto, Huther (1887) argumenta que a expressão “*παρὰ τῷ Θεῷ/diante de Deus*” sublinha que a pureza da religião mencionada não é apenas um critério humano, mas refere-se a uma pureza vista aos olhos de Deus, sendo, portanto, absoluta e verdadeira no contexto divino. Outro ponto importante é a adição da expressão “*καὶ πατρί/e pai*”,

que acompanha “τῷ Θεῷ/*Deus*”). Huther (1887) observa que essa adição visa destacar a relação de amor que Deus tem com seus filhos. Entende-se que, Tiago está enfatizando que, devido ao caráter amoroso de Deus, apenas o culto que é uma expressão genuína de amor é considerado puro por Ele. Infere-se, que, a noção de “θρησκεία/*religião*” verdadeira está, portanto, intrinsecamente ligada ao amor.

Huther (1887) também destaca que a prática de uma “θρησκεία/*religião*” pura, de acordo com Tiago, é demonstrada através de ações concretas de amor compassivo, como cuidar dos órfãos e das viúvas em suas aflições. Tiago não está oferecendo uma definição exaustiva de θρησκεία, mas menciona dois aspectos centrais para seus leitores: o cuidado com os órfãos e viúvas, como uma manifestação de amor compassivo, e a pureza moral, representada pela manutenção da integridade pessoal diante do mundo. Assim, essas ações simbolizam, respectivamente, o amor e a santidade, dois pilares essenciais da verdadeira religião.

A visita a órfãos e viúvas, segundo Huther (1887), é uma forma de demonstrar amor compassivo, uma virtude que é amplamente sublinhada nas Escrituras. O verbo “ἐπισκέπτεσθαι/*visitar*” é interpretado como uma visita com o objetivo de ajudar e aliviar o sofrimento, em vez de simplesmente uma visita social. Esse entendimento é reforçado pelo uso do verbo em passagens como Mt 25,36-43, onde Jesus destaca a importância de visitar e cuidar dos necessitados. Os órfãos são colocados em destaque nesse contexto, em harmonia com o Sl 68,6, onde Deus é chamado de “Pai dos órfãos”, sublinhando ainda mais a importância da compaixão com os vulneráveis.

Em seu comentário sobre Tg 1,26-27, Barnes (1847) examina de maneira profunda a verdadeira natureza da religião, contrastando-a com suas manifestações superficiais. Ao abordar inicialmente a questão do controle da língua, argumenta-se que, se um indivíduo aparenta ser religioso, ou seja, devoto e piedoso, mas não refreia sua língua, todos os sinais aparentes de sua religiosidade são inúteis. Ele salienta que um homem pode possuir várias características que parecem indicar a presença da religião em seu coração, mas a falha em controlar um aspecto de sua conduta pode revelar que tais evidências são falsas. A religião, segundo Barnes (1847), deve abranger a totalidade da conduta humana; portanto, se há uma área da vida que não está sob o controle da piedade, essa falha denuncia a falta de religião genuína. A imagem do freio em um cavalo é utilizada para ilustrar essa necessidade de controle completo sobre a língua e, por extensão, sobre qualquer inclinação pecaminosa não subjugada. A verdadeira religião, afirma Barnes (1847), é aquela que controla todas as faculdades do corpo e da mente, e a ausência desse controle invalida quaisquer outras manifestações de piedade.

Ao continuar sua análise, Barnes (1847) adverte que aquele que não refreia a língua, engana-se, acreditando falsamente que outros aspectos de sua vida possam provar a presença de religião. Independentemente do amor, zelo, ortodoxia ou dons de pregação ou oração que alguém possua, um único impulso pecaminoso que permanece não controlado neutraliza todos esses sinais e demonstra que não há religião verdadeira. A religião autêntica, diz ele, não pode existir sem submeter todas as inclinações do ser humano à sua influência. Consequentemente, qualquer religião que falhe em controlar todas as faculdades da pessoa é vã, nas palavras de Barnes (1847).

Ao discutir o conceito de “religião pura e sem mácula”, Barnes (1847) se volta para Tg 1,27, no qual a palavra grega *θηρσκειά* é utilizada no sentido de piedade genuína. Aqui, ele procura esclarecer o que constitui, de fato, a essência da religião verdadeira. Para Barnes, o apóstolo Tiago não pretende afirmar que cuidar dos órfãos e das viúvas seja a totalidade da religião, mas que esse comportamento serve como um exemplo concreto do que a religião genuína deve produzir ações justas concretas em favor dos mais necessitados. A expressão “religião pura” refere-se àquela que é genuína, sem mistura de hipocrisia ou impureza. Barnes (1847) observa que o termo “sem mácula” sugere uma metáfora com pedras preciosas ou pérolas, que devem ser isentas de manchas, e que esta religião é aquela que Deus vê como pura, sem qualquer falha.

Ao descrever o que constitui essa religião, Barnes (1847) afirma que a religião verdadeira levará a uma vida de benevolência prática, exemplificada pelo cuidado com os órfãos e viúvas em suas aflições. Esse cuidado, conforme observado ao longo de toda a Escritura, sempre foi visto como um aspecto essencial da verdadeira religiosidade, pois reflete o caráter de Deus, que é o defensor dos órfãos e das viúvas (Sl 68,5). Cuidar dos necessitados não é apenas uma obrigação, mas um reflexo da imitação de Deus e um cumprimento de sua vontade revelada. Barnes (1847) destaca que a disposição de ajudar essas pessoas vulneráveis demonstra a autenticidade da fé de uma pessoa e serve como uma garantia de que, onde há esse cuidado, outras qualidades igualmente piedosas estarão presentes.

Isso, Barnes (1847), significa que o crente deve evitar ser influenciado pelas máximas mundanas e viver uma vida santa. Assim, a religião genuína se manifesta tanto na compaixão pelo próximo quanto na pureza moral. Estes dois elementos são fundamentais para definir a autenticidade da religião. Se uma pessoa possui genuína benevolência, ela reflete a imagem de Deus, que é a fonte de toda bondade. Da mesma forma, se uma pessoa vive uma vida pura e incontaminada, ela reflete a santidade de Deus.

A prática da benevolência e a busca pela pureza moral, são essenciais para uma religião verdadeira. Conforme expõe Bengel (2016), a verdadeira prática da religião se manifesta quando um indivíduo presta assistência aos necessitados, afastando-se da frivolidade mundana; desse modo, toda forma de adoração a Deus se torna legítima. A expressão “pura e imaculada” designa um amor genuíno, livre de influências corrompidas. O ato de visitar implica oferecer inclusive conselhos, conforto e ações benéficas de maneira altruísta, além da prática da caridade com as pessoas. Órfãos e viúvas simbolizam os aflitos, abrangendo também aqueles fora do círculo familiar, frequentemente esquecidos pela sociedade. Segundo Bengel (2016), essa abordagem utiliza a sinédoque para enfatizar a inclusão dos marginalizados. A verdadeira ajuda deve ser motivada por compaixão e não por interesses egoístas. A busca pela pureza pessoal requer evitar interações com indivíduos que não promovem o bem mútuo, exigindo vigilância e discernimento nas relações.

Além da benevolência, a religião verdadeira mantém o indivíduo incontaminado pelas corrupções e vícios do mundo, pois o termo “incontaminado”, segundo Plumtrent (1893), parece ter sido escolhido com especial referência ao cuidado meticuloso do fariseu em evitar qualquer coisa que causasse a contaminação cerimonial. Compare-se Jo

18,28, “para que não fossem contaminados”, onde a palavra é a comumente utilizada na LXX para poluído ou estar “imundo”, como em Lv 5,3; Lv 11,23. São Tiago reproduz o ensinamento de nosso Senhor de que a verdadeira contaminação vem de dentro, e não de fora, e que a verdadeira pureza é encontrada em “dar esmolas do que temos” (Mc 7,20-23; Lc 11,40).

Segundo Jamienson, Fausset e Brown (1878), as implicações práticas que se depreendem do texto sobre Tg 1,26-27, fundamentadas na definição de *Θρησκεία*, referem-se ao serviço externo da religião, enquanto a “piedade” representa seu aspecto interno. Eles afirmam que “se alguém se considera religioso, ou observador das práticas religiosas, deve saber que isso não consiste em observâncias externas, mas em atos de misericórdia e humildade (Mq 6,7-8), como visitar os órfãos e manter-se imaculado do mundo” (Mt 23,23). Tiago não sugere que essas práticas constituam a totalidade da religião; ao contrário, ele enfatiza que, enquanto o serviço da lei era cerimonial, o Evangelho se fundamenta em atos de misericórdia e santidade, revestindo-se de justiça.

Infere-se que a fé não pode ser meramente teórica; ela deve se manifestar em ações concretas e visíveis. O controle da língua, destacado por Tiago, serve como um barômetro da autenticidade religiosa. Um religioso que não refreia suas palavras, independentemente de outras manifestações de religiosidade, revela uma falha em sua verdadeira devoção. Portanto, o comportamento ético e a integridade pessoal tornam-se fundamentais para a prática da fé.

A ideia de manter-se “sem mancha do mundo” traz à tona a responsabilidade individual de resistir às influências corruptoras que permeiam a sociedade contemporânea. Isso implica uma vigilância constante sobre as próprias ações e escolhas, promovendo um estilo de vida que esteja alinhado com os valores do Reino de Deus. O chamado à pureza ético-moral, portanto, não é apenas uma questão de conformidade, mas um reflexo da santidade que deve caracterizar a vida do crente.

Dessa forma, as implicações práticas extraídas de Tg 1,27 demandam uma reavaliação contínua da vida religiosa, promovendo uma espiritualidade que é tanto vivencial quanto ética. O verdadeiro compromisso com a fé envolve a transformação pessoal e social, refletindo uma religiosidade que não apenas crê, mas também age em consonância com os princípios do Reino de Deus.

Conclusão

A partir da análise etimológica e epistemológica das principais palavras de Tg 1,26-27, conclui-se que a “religião pura e imaculada” envolve uma compreensão integral e prática da fé cristã, que integra responsabilidade social e moral. O termo “*Θρησκεία/religião*” carrega em seu sentido etimológico a ideia de devoção externa e ritualística. No entanto, o uso de adjetivos como “*καθαρός/pura*” e “*ἀμίαντος/imaculada*”, indica a necessidade de uma vida moralmente íntegra e livre de contaminação. Tiago transcende o conceito de religião meramente externa, demonstrando que a verdadeira religião se manifesta em ações concretas, como o cuidado com órfãos e viúvas.

O termo “τηρεῖν/*guardar-se*” sugere um esforço contínuo para manter-se livre das influências corruptoras do mundo κόσμος, o que se refere não a um isolamento físico, mas a uma postura ética e espiritual que resiste à conformidade com padrões corruptos da sociedade. A crítica textual reforça a centralidade da ligação entre fé e prática nesta passagem, evidenciando que a verdadeira devoção a Deus exige um compromisso ético com os vulneráveis e a manutenção de uma vida moralmente íntegra. Assim, a religião, segundo Tiago, não pode ser dissociada de ações que promovam a justiça e o cuidado ao próximo, com ênfase na preservação da santidade pessoal.

A crítica textual e os diversos comentários teológicos consultados nesta pesquisa, apoiam essa conclusão, corroborando a redefinição de “θρησκεία/*religião*” no contexto de Tiago. Enquanto em fontes greco-romanas e judaicas o termo se associa principalmente à observância ritual e ao culto formal, em Tiago ele é reinterpretado para destacar a prática ética da religião, expressa em atos de compaixão e justiça social. No v.27, a “θρησκεία/*religião*” não se limita à adoração ritualística, mas se revela na “visita aos órfãos e viúvas em suas aflições” e no esforço de manter-se “puro da corrupção do mundo”.

Essa redefinição de “θρησκεία/*religião*” ecoa a tradição profética do Antigo Testamento, onde a verdadeira adoração a Deus se evidencia por meio da justiça social. Além disso, a análise dos termos χαλιναγωγών (controlar) e ἀπατῶν (enganar), no v.26, reforça a importância da coerência entre prática religiosa e controle da própria língua, evidenciando a necessidade de autoavaliação constante. Assim, a crítica textual confirma que Tiago concebe a religião como um compromisso ético e social, em sintonia com a genuína prática cristã, unindo fé e obras de maneira indissociável.

Finalmente, a resposta para a pergunta inicial “o que é religião pura?” (no título deste estudo), pode ser resumida da seguinte maneira: Religião pura, conforme apresentado em Tg 1,27, refere-se a uma prática de fé que se caracteriza pela autenticidade e pela ausência de hipocrisia, unindo *ortodoxia* (fé) e *ortopraxia* (prática/obras). Essa concepção enfatiza a importância de ações concretas, como cuidar dos necessitados, destacando que a ética e a moralidade são centrais à expressão e vivência da fé.

Além de se afastar de contaminações espirituais, a religião pura exige um caráter íntegro e um compromisso sincero com os princípios divinos. Ela vai além de rituais cerimoniais, focando na sinceridade e na motivação interna que orientam a adoração e o serviço. Assim, a religião pura implica uma colaboração entre a ação humana e a graça divina, resultando em uma vida dedicada a Deus e ao próximo. Essa compreensão revela que a verdadeira “θρησκεία/*religião*” se manifesta em atitudes e comportamentos que refletem os valores do Reino de Deus.

Referências

AQUINO, João Paulo Thomaz de (2010). Atos 6.1-7: a gênese do ofício diaconal? *Fides Reformata*, v. 15, n. 2, p. 9-20.

- BAILEY, Kenneth E. (2008). *Jesus Through Middle Eastern Eyes: Cultural Studies in the Gospels*. Downers Grove: IVP Academic.
- BARNES, Albert (1847). *Barnes' Notes: Commentary on the Book of James*. Disponível em: <https://archive.org/details/barnesnotesjames>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BAUCKHAM, Richard (1999). *James: Wisdom of James, Disciple of Jesus the Sage*. Routledge.
- BAUER, Walter (2000). *Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature (BDAG)*. Revised and edited by Frederick William Danker. Based on *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, 6th edition, edited by Kurt Aland and Barbara Aland, with Viktor Reichmann, and on previous English editions by William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich, and F. W. Danker. Chicago: University of Chicago Press.
- BENGEL, John Albert (2016). *Gnomon of the New Testament*. Now first translated into English. Original notes explanatory and illustrative. Revised and edited by Andrew R. Fausset. Volume 5. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers.
- BENSON, Joseph (2018). *Commentary of the Old and New Testaments. r Domain Mark 1.0*. Disponível em: <https://archive.org/details/JosephBensonsCommentaryOldNewTestaments>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BOCK, Darrell L. Acts. In: YARBROUGH, Robert W.; STEIN, Robert H. (Eds.) (2007). *Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic.
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. A Bíblia e transformação social. In: *Bíblia e ministério pastoral, teologia e sociedade* (ago. 2016). *Teologia e Sociedade*, Faculdade de Teologia de São Paulo, v. 1, n. 12, p. 106. São Paulo: Potyguara.
- COLERIDGE, Samuel Taylor (1872). *Aids to Reflection*. Edited by Henry Nelson Coleridge. New York: N. Tibbals & Son.
- FIVEABLE. *Divine Nature of Pharaoh* (2024). Disponível em: <https://library.fiveable.me/gods-graves-and-pyramids-ancient-egyptian-religion-and-ritual/unit-4/divine-nature-pharaoh/study-guide/rCC1nJ0DJJEMY31V>. Acesso em: 10 out. 2024.
- FLORENCIO, Francisco de Assis (2014). A verdadeira religião. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 28. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/issue/view/399>. Acesso em: 24 set. 2024.
- GONZAGA, Waldecir (mai./ago.2017). As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, MG, v. 49, n. 2, p. 421-444. Doi: <https://doi.org/10.20911/21768757v49n2p421/2017>
- GONZAGA, Waldecir (2019). *Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes.
- GONZAGA, Waldecir; GAMA, Viviane Paixão. Tiago 2,14-26: nos passos de Cristo: União de Fé e Obras concretas em prol dos mais necessitados. In: GONZAGA, Waldecir. *et alii* (2023). *Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio – Letra Capital, p. 185-219.
- HAUBECK, Wilfrid; VON SIEBENTHAL, Heinrich (2009). *Nova chave linguística do Novo Testamento: Mateus-Apocalipse* (título original: *Neuer sprachlicher Schlüssel zum griechischen Neuen Testament: Matthäus bis Apostelgeschichte*). Targumim/Hagnos: São Paulo.
- HERODIANO (1985). *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio*. Traducción, introducción y notas por Juan I. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos.
- HERÓDOTO (1985). *História*. Traduzido do grego por Pierre Henri Larcher. Vols. XXIII e XXIV. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc.
- HUTHER, Joh. Ed. (1887). *Critical and exegetical handbook to the general epistles: James, Peter, John, and Jude*. Translated from the third edition of the German by Rev. Paton J. Gloag, D.D., D.B. Croom, M.A., and Rev. Clarke H. Irwin, M.A. With a preface and supplementary notes to the American edition by Timothy Dwight. New York: Funk & Wagnalls.

- JAMIESON, Robert; FAUSSET, A. R.; BROWN, David (1878). A commentary, critical and explanatory, on the Old and New Testaments. he General Epistle of James. Disponível em: https://www.blueletterbible.org/Comm/jfb/Jam/Jam_001.cfm. Acesso em: 24 set. 2024.
- JOHNSON, Phillip Edward. Reason in the Balance: The Case against Naturalism in Science, Law, and Education. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1995.
- JOSEFO, Flavio (1997). Antigüedades Judías: Libros I-XI. Edición de José Vara Donado. Madrid: Akal/Clásica Ediciones Akal, S.A. (Tomo 1).
- KAZHDAN, Alexander P. (Ed.) (1991). The Oxford Dictionary of Byzantium. New York: Oxford University Press. v. 1. Talbot, Alice-Mary (Exec. Ed.); Cutler, Anthony (Ed. Art); Gregory, Timothy E. (Ed. Arqueología e Geografía Histórica); Sevckenko, Nancy P. (Ass. Ed.).
- KITTEL, Gerhard, et al (1964). Theological Dictionary of the New Testament. Eerdmans.
- LANGE, John Peter (1867). Commentary on the Holy Scriptures: Critical, Doctrinal and Homiletical, with special reference to ministers and students. Translated from the German, and edited, with additions original and selected, by Philip Schaff. Vol. IX: Containing the Epistles General of James, Peter, John and Jude. New York: Charles Scribner & Co.
- MACLAREN, Alexander (2010). Expositions of Holy Scripture: James. Disponível em: <https://biblehub.com/commentaries/macLaren/james/1.htm>. Acesso em: 20 set. 2024.
- MEYER, Heinrich August Wilhelm (1882). Critical and exegetical handbook to the general epistles of James and John. Edinburgh: T. & T. Clark.
- MOO, Douglas J. (2000). The Letter of James. Eerdmans.
- MORAES, Alexandre Santos de; COSTA, Beatriz Moreira da (2020). Abidos e Osíris além dos faraós: a manutenção de uma concepção de mundo egípcia. PHOÏNIX, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 95-111.
- NESTLE-ALAND (eds.) (2012). Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- PLUMPTRE, E. H. The General Epistle of St. James. In: PEROWNE, J. J. S. (Ed.) (1893). The Cambridge Bible for Schools and Colleges. London: C. J. Clay and Sons; Cambridge University Press.
- SCHOLFIELD, A. F. (1958) Aelian: On the Nature of Animals. Disponível em: <https://www.attalus.org/translate/animals10.html>. Acesso em: 21 set. 2024.
- SCHÜRER, Emil. The Literature of the Jewish People in the Time of Jesus. In: KAZHDAN, Alexander P. (Ed.) (1991). The Oxford Dictionary of Byzantium. New York: Oxford University Press, p. 338-344.
- SOUSA, Paulo Jackson Nóbrega de (set./dez. 2013). A temática eclesiológica “Povo de Deus” a partir de Rm 9,24-29. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, p. 439-459. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/>. Acesso em 24 set. 2024.
- YARZA, Florencio I. (dir.) (1998). Diccionario griego-español. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, S.A.